

A infância generalizada na sociedade contemporânea: o que pode o dispositivo psicanalítico frente ao dispositivo de infantilidade?¹

ANA LAURA PRATES PACHECO

I - não existe "gente grande"

Recentemente vivemos um episódio lamentável no Brasil: jovens de vinte e poucos anos, da classe alta do Rio de Janeiro, espancaram uma empregada doméstica que estava em um ponto de ônibus. Presos e reconhecidos, alegaram pensar tratar-se de uma prostituta. O pai de um dos jovens agressores, ao ser interrogado sobre o ocorrido, alegou: "Eles são crianças, não podem ser presos, não podem ser colocados junto com bandidos. São crianças, não são bandidos". O discurso desse pai – que considera o filho de vinte e tantos anos uma criança e, portanto, irresponsável do ponto de vista do código civil, diferenciando-o dos outros: os bandidos – é nitidamente contrastante com as pesquisas de opinião mais recentes a respeito do rebaixamento da maioridade penal como alternativa inibidora do crescente número de crimes cometidos por menores de 18 anos. A classe social à qual esse senhor pertence é amplamente favorável à redução da maioridade penal, provavelmente porque jamais considerou a possibilidade de que seus filhos pudessem um dia ser condenados. Eles são as vítimas. Os criminosos são "os outros". Assim, parece evidente no discurso desse senhor que ele opera com a idéia de duas leis: uma para suas "crianças" e outra para a raça dos "bandidos". Ora, não seria esse um exemplo extremo de como a oposição criança-adulto, pelo menos no modo como aparece na sociedade, resiste a corresponder aos pretensos critérios objetivos e biologizantes do discurso científico hegemônico?

Essa questão remeteu-me ao que Sandra Corazza², inspirada em Foucault, chama de "dispositivo de infantilidade"³. A autora parte, inicialmente, do discurso atual sobre o fim da infância,

¹ Este texto teve como base o trabalho apresentado no VIII Encontro da EPFCL-Brasil, "Família e Inconsciente", Aracaju, novembro de 2007.

² Corazza. *História da infância sem fim* (2000).

³ "Dispositivo" é um conceito criado por Foucault que se refere à máquina abstrata de forças agenciadoras de poder, saber e ética. Encontra-se uma visão aprofundada desse conceito no livro de Deleuze (1990). *Qu'est-ce qu'un dispositif* (O que é um dispositivo).

⁴ Postman. *O desaparecimento da infância* (1999).

do qual Neil Postman⁴ é o mais notável representante. Entretanto, em relação a esse discurso, ela coloca as seguintes questões:

Em que medida e com que forças o discurso da educação faz funcionar e mantém o dispositivo de infantilidade, contribuindo para assim fixar o ponto imaginário da “infância” e a identidade ideal da criança, instaurados há quase quatro séculos por este mesmo dispositivo? (...) Em outras palavras: existiria uma ruptura histórica entre a “Idade da Infância”, a análise crítica do “Fim da infância”, e os anseios e práticas culturais em prol de uma “Infância sem Fim”? Ou todos estes mecanismos integram as grandes e descontínuas linhas históricas que tecem e enodam os poderes, saberes e verdades do dispositivo de infantilidade? (E acrescenta) Essas dúvidas objetivam muito menos mostrar que o infantil não está desregrado do que recolocar tal identidade numa nova economia de poder-saber-verdade no seio das sociedades contemporâneas (...) Qual o sentido do dispositivo de infantilidade em conexão com o fim-da-infância, em termos de suas relações com a verdade do sujeito ocidental, a qual parece objetivar uma infância-sem-fim, matriz da tecnologia política do poder de infantilidade?⁵

⁵ Corazza. *História da infância sem fim* (2000, p.29).

A partir dessas questões, sua proposta de trabalho é realizar uma análise do “poder infantilizador” que parece contar com o conceito de infância como “um estágio, uma etapa, uma condição que, à primeira vista, deve ser reprimida e superada para irmos em direção a outros estágios, etapas, condições, tais como puberdade, adolescência, adultez ou velhice”⁶. A história, portanto, é abordada a partir do discurso sobre a infância e da análise do “dispositivo de infantilidade” que, segundo Corazza, participa de uma estratégia mais ampla de dominação sobre o sujeito contemporâneo. De fato, a idéia mais interessante extraída por ela dos

⁶ *Ibid* p. 32.

argumentos desenvolvidos é a de que o efeito do “dispositivo de infantilidade”, ao longo dos séculos, produziu a “instância moderna ‘adultos-infantis’”.

Gostaria de sublinhar agora uma articulação entre essa tese e aquela sustentada por Lacan quando de sua intervenção no encerramento das Jornadas realizadas em 1967 sobre “As psicoses da criança”. Nessa ocasião, ele correlaciona o problema mais intenso de nossa época com o fato dela ser “a primeira a sentir o novo questionamento de todas as estruturas sociais pelo progresso da ciência”⁷. No que diz respeito a essa especificidade da sociedade contemporânea, afirma:

⁷ Lacan (2003, p.360)

Os homens estão enveredando por uma época que chamamos planetária, na qual se informarão por algo que surge da destruição de uma antiga ordem social, que eu simbolizaria pelo Império, tal como sua sombra perfilou-se por muito tempo numa grande civilização, para ser substituída por algo bem diverso e que de modo algum tem o mesmo sentido – os imperialismos, cuja questão é a seguinte: como fazer para que massas humanas fadadas ao mesmo espaço, não apenas geográfico, mas também, ocasionalmente, familiar, se mantenham separadas?⁸

⁸ *Ibid*, p. 367

E em relação ao problema específico de nossa época – a segregação – Lacan conclui:

Problemas do direito de nascimento, por um lado, mas também, no impulso de ‘teu corpo é teu’, no qual se vulgarizou no início do século um adágio ao liberalismo, a questão de saber se, em virtude da ignorância em que é mantido esse corpo pelo sujeito da ciência, chegaremos a ter o direito de desmembrá-lo para a troca. Acaso não se discerne do que eu disse hoje a convergência? Haveremos de destacar pelo termo criança generalizado a consequência disso?⁹

⁹ *Id*

Com Lacan, podemos compreender que a “entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação” assinala para uma única via: nesse “admirável mundo novo”, regido pelo dispositivo de infantilidade, “não existe gente grande”.

III - a infância moderna como criação do discurso universitário

É evidente que o parâmetro da maturação sexual biológica para distinguir a criança do adulto revela-se extremamente frágil, como vários autores têm apontado. A começar pelo já clássico trabalho do historiador francês Ariès, com o qual aprendemos o quanto as significações a respeito da infância foram se transformando no mundo ocidental.

As profundas transformações econômicas e sociais advindas com o Renascimento provocaram também modificações na concepção da infância, culminando, no século XVII, com o que Ariès nomeia de “a descoberta da infância” concebida enquanto adulto inacabado. A criança, então, deveria ser educada, moldada, disciplinada, de modo a transformar-se num cidadão racional e cristão. Vemos aí o quanto as idéias de desenvolvimento e de educação adotadas posteriormente pela psicologia e pela pedagogia apresentam-se, na origem, fortemente contaminadas por um ideal moralista.

No que diz respeito ao imperativo da educação, entretanto, pode-se atribuir a Rousseau um ponto de virada que inaugura o modo moderno de se pensar a infância. Ele funda a fantasia da inocência infantil, correlata a uma fase da vida na qual ainda é possível exercitar uma “educação natural”. Esta visão da criança como um pequeno inocente, por sua vez, influenciou de modo extraordinário a idéia de infância no século XIX. O aparecimento da infância moderna corresponde, portanto, ao ideal depositado na educação.

O imperativo “edue-se!”, entretanto, estende seus territórios para além dos limites da infância propriamente dita, passando a ser um dos principais instrumentos de controle e domínio da subjetividade no mundo capitalista. Por outro lado, o lugar que a criança passa a ocupar no narcisismo dos pais na família burguesa dá suporte, na vida privada, ao investimento de desejo nos filhos, os quais passam a ser depositários dos ideais

de sucesso que só poderão ser alcançados através da educação. O “tempo para se educar” corresponderá, então, ao tempo da passagem, da transição entre o *infans* e o chamado “adulto” – o sujeito formado, educado, maduro, desenvolvido e adaptado.

Para o bem ou para o mal, o *Discurso Universitário*¹⁰ cria a criança no lugar de objeto, deixando o sujeito do inconsciente sob a barra do recalcue:

Saber	→	Criança
Mestre	//	Sujeito

Ora, mais além do saber colocado na criança, o aparecimento do significante “Criança” – com suas múltiplas significações – é rapidamente absorvido pelo Discurso do Mestre¹¹, que passa a agenciar, a partir de então, um saber sobre a “Criança”, sustentado numa determinada fantasia de infância. A consequência mais explícita de tal agenciamento é o aparecimento de uma série de disciplinas e especialidades cujo objeto de conhecimento é “A Criança”: a pedagogia, a pediatria, a pedopsiquiatria e, do outro lado da moeda – enquanto sintoma revelador da verdade da criança no lugar de objeto –, a pedofilia como a “patologia” temida por desvelar a verdade no horror.

Criança	→	Ciência
\$	◇	<i>a</i>

Em minha tese de doutorado¹² questiono se o risco atual seria realmente o de constranger a criança ao modelo do adulto, como alguns – na esteira de Postman – têm denunciado. Essa posição estabelece uma inversão, pois reforça o dispositivo de infantilidade sustentado no que chamei de “fantasia de infância” – que no Discurso do Mestre aparece sob a barra, escrito conforme o matema da fantasia: $\$ \diamond a$.

A partir da psicanálise, parece-me mais importante conseguirmos passar da oposição “adulto-criança” – própria de certo paradigma cultural – para a conjunção/disjunção “sujeito-objeto”. Afinal, esse foi o salto dado por Freud, ao substituir sua teoria

¹⁰ Os discursos são apresentados por Lacan em *O Seminário - livro 17: O avesso da psicanálise* (1969/70). Suas quatro fórmulas (Discurso do Mestre, Universitário, Histérico e Analítico) são compostas a partir dos elementos mínimos da estrutura do humano (S1, S2, \$ e *a*) e de quatro lugares fixos:

Agente	//	Outro
Verdade		Produção

Os quatro discursos são associados por Lacan aos três “impossíveis” de Freud (governar, educar e analisar), aos quais ele acrescenta mais um: o “fazer desejar”. No Discurso Universitário – que corresponde ao “educar” –, o saber é o agente e o outro está no lugar de objeto:

S2	//	<i>a</i>
S1		\$

S1	//	S2
\$		<i>a</i>

¹² Prates. *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças*. Tese apresentada no Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2006.

sobre o trauma como causa da neurose pela teoria da fantasia inconsciente, escrita por Lacan *\$\Delta a*, articulando o sujeito à *causa* do desejo.

Em outras palavras, tal salto permite à psicanálise substituir a idéia da *infância* como fase da vida em que ocorrem os traumas, fonte da neurose, pela idéia de *infantil*, enquanto “resto” não assimilável pela linguagem¹³. O sujeito do inconsciente não é exatamente compatível com o infantil, recalcado? O desejo não é sempre ligado ao infantil?

E quanto aos riscos de sermos tragados pela “fantasia de infância” sempre a nos rondar, parece-me que a psicanálise pode tematizar a questão da sexualidade infantil, levando a sério uma questão formulada por Foucault (1985): “O que é que pedimos ao sexo, além de seus prazeres possíveis, para nos obstinarmos tanto?”¹⁴ Desde o retorno a Freud, operado por Lacan, sabemos que o “além do prazer” e o “poder dos impossíveis” referem-se ao conceito de gozo¹⁵, remetendo necessariamente ao infantil e ao desencontro sexual chamado por nós de castração.

III - criancinhas

Convido, agora, a voltarmos nossa atenção para um livro de Tom Perrotta chamado *Little children* (Criancinhas) em que se baseou o filme que ficou em cartaz no Brasil sob o título “Pecados Íntimos”. Neste trabalho, não vou comentar o filme que, aliás, cega, com seu final moralista, a lâmina cortante e sarcástica presente no livro. O cenário do romance não poderia ser mais inspirador: um subúrbio norte-americano de classe média. As personagens são as famílias habitantes do bairro e frequentadoras de um parquinho com suas crianças, num verão ensolarado do século XXI. As mães que levam suas crianças ao parquinho são apresentadas de modo quase caricatural:

Cheryl confessa que ela e seu marido às vezes adormecem durante o ato sexual. Theresa “sempre alude ao fato de ter bebido demais na noite anterior” e fuma escondido das colegas. Mary Ann é assim descrita: “uma daquelas supermães deprimentes, uma mulher miúda e elaboradamente maquiada que vestia roupas de ginástica de lycra, dirigia uma caminhonete do tamanho de um furgão dos correios e escutava aquela ladainha conservadora

¹³ Os argumentos em favor da distinção entre os conceitos de infância (enquanto fase da vida) e infantil (enquanto irredutível da estrutura) foram amplamente desenvolvidos em minha tese, especialmente no capítulo V: “A construção da fantasia: o lugar do infantil”. Algumas dessas idéias também foram antecipadas no texto “O trauma é o infantil – cena primária: verdade e ficção no caso do “Homem dos Lobos” publicado em *Stylus* n. 9 (2004, p. 105).

¹⁴ Foucault. *História da Sexualidade I* (1985, p.77).

¹⁵ Refiro-me aqui ao texto de Freud, *Além do princípio do prazer* (1920), onde é trabalhado o conceito de pulsão de morte, o qual será retomado no ensino de Lacan pela via do gozo do Outro. Por outro lado, “O poder dos impossíveis” é abordado por Lacan em *O Seminário - livro 17: O avesso da psicanálise* (1969/70).

no rádio o dia todo”. Ela acreditava que “a aderência rígida a um horário era a chave para se criar bem os filhos”. Bem como a chave para uma vida sexual saudável: todas as terças-feiras, depois que as crianças dormem.

Sarah, a personagem principal, aparentemente destoa do grupo, embora esteja paradoxalmente inserida nele. Fora uma estudante de antropologia, feminista e ativista durante a faculdade. Tivera uma relação homossexual que terminara junto com o curso. Sozinha, trabalhando numa lanchonete e sem saber o que fazer da vida após se decepcionar com a pós-graduação, conhece seu marido Richard. Homem mais velho, bem sucedido, divorciado, pai de duas filhas adultas. Quando deu por si, Sarah estava casada, grávida, e convertida a uma vida de dona de casa de subúrbio. Entretanto, quando se via junto às outras mães do parquinho, pensava: “Sou uma pesquisadora estudando o comportamento de suburbanas chatas de classe média alta. Mas não sou eu própria uma suburbana chata de classe média alta”.

A tristeza de Sarah frente ao casamento obviamente fracassado, o tédio frente à rotina da maternidade e a angústia frente à realidade de ser tão igual àquelas outras mulheres, que ela menospreza, são compensados por uma agressividade inadequada e provocadora. Em nome dessa provocação, ocorre seu primeiro encontro com Todd, o único pai a freqüentar o parquinho com seu filho.

Todd nos é apresentado como um bonitão, carinhoso e meigo com o filho, batizado pelas mães do parquinho de “o rei do baile de formatura”. É casado com Kathy: a bela e politicamente correta documentarista que sustenta a casa com seu trabalho mal remunerado, enquanto o marido toma conta do filho durante o dia e supostamente estuda para o exame da Ordem dos advogados à noite. Entretanto, nós, leitores, sabemos que ele finge todas as noites sair para estudar na biblioteca, mas fica durante horas observando adolescentes skatistas e suas manobras radicais. Jamais quis ser advogado, e não pode sustentar uma decisão que frustraria os projetos de prosperidade familiar da esposa. Todd, numa dessas noites com os skatistas, reencontra casualmente um conhecido chamado Larry, ex-policial conservador e deprimido, casado com uma ultra-católica, aposentado por “síndrome de stress pós-traumático” após ter assassinado, por engano, um

adolescente negro que julgara estar armado num Shopping Center. Larry convida Todd a participar de um time de *baseball* composto por policiais e é levado, assim, por inércia, a se reconciliar com um desejo colegial de ser jogador.

O encontro entre Todd e Sarah ocorre em virtude de uma aposta, feita entre ela e as outras mães, de que descobriria o nome do “rei do baile”. Para agredir as mães, ela pede que ele a beije – provocando indignação no grupo das mulheres: “Na frente das crianças?!”.

Naquele verão, freqüentando a piscina pública do bairro, e aproveitando a sesta das crianças, Sarah e Todd iniciam um tórrido romance. A princípio, somos conduzidos a uma torcida tímida pelo casal que, aparentemente apaixonado, esboça uma tentativa de libertar-se de suas vidas opressoras: Sarah, da armadilha provedora do marido Richard, que não a deseja mais depois da maternidade. Percebendo a repetição na qual havia caído naquele segundo casamento, Richard – o executivo – realiza suas fantasias sexuais através do site de “Kay, a Sacana” – que se proclama “uma exibicionista bissexual casada, que leva ativamente um estilo de vida adepto ao swing”. Todd, por sua vez, submetia-se com aparente resignação à cobrança adaptativa e normativa da esposa obcecada pelo ideal de família feliz que incluía, evidentemente, colocar o filho, com todo o cuidado, para dormir no meio do casal todas as noites. Ambos seriam, à primeira vista, vítimas de uma sociedade que aprisiona todos na inércia das escolhas pré-concebidas que mata o desejo – desejo esse que seria enfim resuscitado pela espontaneidade da paixão. Além disso, somos informados das biografias complementares do casal, apresentadas como um jargão psicológico que justificaria suas personalidades: ele, tendo perdido a mãe na adolescência, vítima de um acidente de carro; ela, oriunda de uma criação com uma mãe solitária, após a separação de um pai omissor.

Mas e se a história fosse contada por Richard e Kathy? Daria na mesma? Richard não poderia colocar-se também como vítima da esperança do segundo casamento com uma mulher mais nova e liberada que se revelara uma dona de casa suburbana? E Kathy não poderia queixar-se de sustentar a eterna promessa do marido e pai de família responsável, enquanto é trocada por skates e jogos de *baseball*?

Dessa forma, o romance seria quase um chavão, não fosse pela presença de uma personagem inusitada, que faz um contraponto a esse lugar comum. Tudo estaria transcorrendo de modo perfeitamente previsível naquele verão ensolarado, não fosse o retorno de um pedófilo, chamado Ronnie Mc Govery, para o bairro. Fora recentemente liberto após cumprir pena por exibicionismo, embora pesasse sobre ele a suspeita, não confirmada, do assassinato de uma menina de nove anos de idade.

Mc Govery é o verdadeiro eixo em torno do qual giram as “criancinhas”, que dão título ao Romance. Às quatro personagens principais – o casal de amantes e seus respectivos cônjuges, agregam-se Mary Ann – a supermãe – e Larry – o ex-policial – como uma espécie de avesso, revelando pela caricatura a verdade que Todd e Sarah não querem enxergar em si mesmos.

Sarah e Mary Ann estão sempre em lados diametralmente opostos: Mary Ann considera que o “tarado” deveria ser castrado para não oferecer risco “aos nossos filhos” e defende tal idéia com a mesma fúria com que proclama às amigas de um grupo de leitura que Madame Bovary era uma vagabunda sem vergonha. Sarah é a única personagem a defender o direito de liberdade de Mc Govery, pelo fato de já ter cumprido sua pena por exibicionismo – e, afinal, ela não considerava isso algo tão grave assim. Além disso, considerava que Emma Bovary, “à sua própria e estranha maneira, é uma feminista”. Todd, ao contrário, embarca passivamente numa cumplicidade incompreensível com Larry, que se dedica a criar o “Comitê de pais preocupados”, cujo slogan é: “Pessoas decentes, cuidado! Há um perverso entre nós!” Além de panfletos, cartazes e reuniões semanais, Larry acrescenta à sua militância pela decência uma vigília constante em frente à casa onde Mc Govery mora. A vigília inclui xingamentos proferidos em auto-falante durante a madrugada, pichações e lançamento de bombas de estrume.

A presença dessas personagens secundárias aponta, desde o início, para a fragilidade do romance entre Sarah e Todd, pelo modo como se posicionam frente à presença de Mc Govery. O pedófilo mantém-se enigmático, e talvez o mais infantil de todas as personagens. Morando sozinho com a mãe idosa, que não perde as esperanças de encontrar uma namorada por correspondência para o filho, ele define a si mesmo como “ex-prisioneiro,

acima do peso, ficando careca, que rói as unhas e fuma como uma chaminé. Gosta de pornografia infantil e noites tranqüilas diante da televisão”.

O verão vai passando, e a tensão do Romance vai subindo a um nível quase insuportável, já que ninguém é o que parece ser: Larry desespera-se ao ser abandonado pela esposa ultra-conservadora: ela não agüenta mais sua obsessão agressiva por Mc Govery. Mais uma vez dirige-se à casa do pedófilo para agredi-lo, mas, desta vez, sua idosa mãe reage rigorosamente, e a briga culmina em um ataque cardíaco ao qual ela não resiste. Mary Ann recebe um retumbante não do marido numa das terças-feiras rotineiras de sexo dormente, com um enfático e direto: “Hoje eu não estou a fim!” Kathy – num típico lance de dissimulação feminina –, ao desconfiar da traição de Todd, providencia a presença da mãe para vigiá-lo, nas vésperas do exame da Ordem. Richard inventa uma viagem de negócios para finalmente encontrar-se com Kay, a sacana. E Mc Govery está prestes a passar novamente ao ato. Enquanto isso, Sarah e Todd concebem um plano de fuga para os dias do exame – já que o fracasso na prova seria inevitável. Construiriam uma nova vida! O encontro seria à noite, no parquinho.

Na hora marcada, Sarah está presente no parquinho com sua filha – já que Richard havia viajado sem avisar. Empurra a menina no balanço quando sente a presença de alguém. Pensa ser Todd. Mas é Mc Govery. Ele a abraça aos prantos, desesperado pela perda da mãe. Entre perplexa e em pânico, Sarah tenta acalmá-lo e afastá-lo da filha que dorme no balanço, quando ouve um barulho. “Agora é Todd” – pensa aliviada! Mas é Mary Ann que fora ao parquinho, transtornada e fumando após a rejeição do marido que furou o seu sistema infalível. Em seguida, chega Larry – que Sarah imaginava ser portador de uma mensagem de Todd. Mas ele na verdade havia seguido Mc Govery para tentar pedir perdão e se redimir da culpa por uma segunda morte em seu currículo. Mas, ao vê-lo no parquinho, fica transtornado de raiva novamente e recomeça a agredi-lo falando da menina que ele supostamente teria matado. Sarah esboça uma defesa, mas Mc Govery diz: “Eu não queria. Ela disse que ia me dedurar!” A confissão espontânea, na frente de testemunhas, expunha paradoxalmente a fragilidade de Mc Govery. Todos filam cigarros de

Mary Ann. “Não sabia que você fumava” – comenta Sarah. “Eu não fumo”! – ela responde. Nessa espécie de cartel, no qual os quatro estão iguados pela fumaça pretensamente transgressora dos cigarros, resta uma questão sobre quem descompleta o conjunto: se a menina que dorme no balanço, ou se Todd que, saindo de casa para ir ao encontro de Sarah, deixou-se mais uma vez seduzir pelos skatistas.

Mas é a reflexão de Sarah, entre uma tragada e outra, que prevê, como num clarão, onde sua condição desejante a terá levado, bem antes mesmo de ter sido velada pela ilusão da paixão por Todd: “Não seria um futuro fácil, Sarah sabia disso, mas ele parecia tão real – tão palpável e próximo, tão de acordo com o que ela sabia acerca de sua própria vida – que quase parecia inevitável, o local ao qual tinha estado se dirigindo o tempo todo”.

IV - o que pode o dispositivo analítico frente ao dispositivo de infantilidade?

O livro *Criancinhas* é desconcertante por mostrar de modo explícito a infantilização do homem contemporâneo ao colocar-se na posição de objeto. A ironia da personagem do “pedófilo” encontra-se justamente nessa espécie de caricatura, pois nada mais é que uma produção do próprio Discurso do Capitalista.

Mas estaria a psicanálise a salvo desse risco? Ao contrário, ao longo da história, verificamos com preocupação que a clínica psicanalítica tem enfrentado as dificuldades inerentes ao risco de anular o conceito de *infantil*, sobrepondo a ele a idéia de *infância*, como fase da vida. Nesse caso – como denuncia Foucault¹⁶ – a psicanálise, em geral, certamente pode ser reduzida a “um murmúrio lucrativo”; e a psicanálise com crianças, em particular, a uma “pedagogização do sexo”.

Nesse sentido podemos dizer que o dispositivo analítico é uma resposta subversiva ao dispositivo de infantilidade. Como poderíamos entender a aposta ousada de Lacan de que somente o Discurso do Analista pode fazer obstáculo ao Discurso do Capitalista¹⁷, senão pela via de que apenas a análise possibilita ao sujeito sair da condição genérica de criança, à qual todos estão submetidos, enquanto objetos de gozo e consumo?

Assim, quando o analista não tampona com sua própria

¹⁶ Foucault. *História da sexualidade I* (1985).

¹⁷ Lacan. *O Averso da psicanálise* (1969/70).

fantasia de infância a questão *que sou eu?*, ele permite a emergência do sujeito do inconsciente que poderá construir sua resposta singular para o *infantil* estrutural.

S1	→	S2		\$	→	S1
\$	◇	A		<i>Infans (a)</i>	//	Saber

Portanto, a prerrogativa do Discurso do Analista é sustentar que haja, por estrutura, uma impotência entre a produção de saber sobre o *infans* e a verdade do gozo.¹⁸ Nesse sentido, há uma especificidade do Discurso do Analista quanto ao “tratamento possível” para o “impossível” do gozo. Só é possível tratar o *infans* por um saber que se acrescente ao Real, um saber no lugar da verdade:

<i>a</i>	→	\$
S2 //		S1

¹⁸ Representada pela notação: //.

¹⁹ Conforme propõe Lacan em *O Seminário – livro 8: A Transferência*: A resposta ao *que sou eu?* não é nenhuma outra coisa de articulável, da mesma forma em que lhes disse que nenhuma demanda é suportada. Ao *que sou eu?* não há outra resposta no nível do Outro que o *deixa-te ser*. E toda precipitação dada a esta resposta, qualquer que seja ela na ordem da dignidade, criança ou adulto, não passa de *eu fujo ao sentido deste deixa-te ser* (p. 239).

Dessa forma, contrariando a produção em série do *Mercado* que nos impõe a generalização da infância, só nos resta, enquanto psicanalistas, enfrentar nossas próprias fantasias, permitindo que fique aberta – para o sujeito de qualquer idade –, a questão *que sou eu?*¹⁹

Só assim ele poderá construir, em tempo, sua própria ficção. Afinal, todo verão acaba. E apenas permanece, como o discurso do psicanalista teima em mostrar, a possibilidade de cada um sustentar seu desejo singular, mais além do lugar comum.

referências bibliográficas

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro, LTC, 1981.
- CORAZZA, Sandra. *História da infância sem fim*. Ijuí, Unijuí, 2000.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 6.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- LACAN, Jacques. Alocução sobre as psicoses da criança (1967). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- LACAN, Jacques. *O Seminário - livro 8: A transferência* (1960-61). Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques. *O Seminário - livro 17: O avesso da psicanálise* (1969 – 70). Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.
- PERROTA, *Criancinhas*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Trad. Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro, Graphia, 1999.
- PRATES, Ana Laura. *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças*. Tese apresentada no Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2006.
- PRATES, Ana Laura. “O trauma é o infantil – cena primária: verdade e ficção no caso do “Homem dos Lobos”. *Stylus n. 9* (2004, p. 105).

Neste trabalho, opero com o conceito de infância generalizada apresentado por Lacan quando de sua intervenção no encerramento das Jornadas realizadas em 1967 sobre “As psicosses da criança”. Naquela ocasião, ele já afirmava que a especificidade da sociedade contemporânea é a segregação; indagando sobre como responder, nós, os psicanalistas, às consequências do discurso do capitalismo que nos reduz a objetos da ciência – ao que ele nomeia de “infância generalizada”. Com Lacan, podemos compreender, a “entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação” assinala para uma única via: nesse “admirável mundo novo” regido pelo dispositivo de infantilidade, “não existe gente grande”. Proponho, em seguida, articular essa questão com o conceito de “dispositivo de infantilidade” criado por Corazza, inspirada em Foucault. A autora parte do discurso atual sobre o fim da infância, do qual Postman é o mais notável representante, indagando se “existiria uma ruptura histórica entre a “Idade da Infância”, a análise crítica do “Fim da infância”, e os anseios e práticas culturais em prol de uma “Infância sem Fim”. Ou todos estes mecanismos integram as grandes e descontínuas linhas históricas que tecem e enodam os poderes, saberes e verdades do dispositivo de infantilidade?” (Corazza, 2000). Através desses conceitos, proponho uma leitura para o romance “Criancinhas” de Tom Perrotta que expõe, de forma exemplar, estas questões. Concluo com a defesa de que o dispositivo psicanalítico é uma resposta subversiva ao dispositivo de infantilidade, a partir da afirmação de Lacan de que o discurso de psicanalista faz obstáculo ao discurso do capitalista. Proponho que a análise possibilita ao sujeito sair da fixação à condição genérica de objeto de gozo e consumo, para construir uma “nova ficção do real”.

palavras-chave

infância, criança, psicanálise, sociedade contemporânea

abstract

In this paper, I work with the concept of generalized childhood presented by Lacan when he did his closing intervention in the event realized in 1967 about “The child psychoses”. In this occasion, he affirms that the specificity of the contemporaneous society is the segregation and questions about how we will answer, we, the psychoanalysts, to the consequences of the capitalist’s discourse which reduces us to science objects – to what he names “generalized childhood”. With Lacan, we can comprehend that the “entrance of a whole world in the segregation way” points out to only one way in this “brave new world” conducted by the childlike device, “there is no adult”. I propose, next, to articulate this question with the concept of “childlike device” created by Corazza, inspired in Foucault. The author starts from the current discourse about the childhood’s end, which has Postman as the most notable representative, questioning himself if “there would be a historical rupture among the “Childhood age”, the critical analysis of the “Childhood’s end”, and the longings and cultural practices in favor of an “Endless childhood”? “Or all of these mechanisms integrate the big and discontinuous historical lines that weave and tie the powers, knowledge and truths of the childlike device?” (Corazza, 2000). Through these concepts, I propose a reading of the romance *Little Children* of Tom Perrotta, which exposes in an exemplar way these questions. I conclude with the defense of the psychoanalytical device as one subversive answer to the childlike device, from Lacan affirmation that the psychoanalyst’s discourse makes an obstacle to the capitalist’s discourse. I propose that the analysis allows the subject to get out of the fixation in the general condition of object of the jouissance and consume, building a “new fiction of the real”.

key words

childhood, child, psychoanalysis,
contemporaneous society.

recebido

11/10/2007

aprovado

28/10/2007